



SANTOS, Carolina Erika. **Performar em estado reflexivo: problematizações urbanas simuladas por performances**. Salvador: PPGAC - Universidade Federal da Bahia. Doutorado; Gláucio Machado; performer.

RESUMO

“Performar em estado reflexivo” é um método de construção de pensamento que se consolida no fazer performativo. Trata-se de um caminho de experimentação reflexiva em que proponho performances nos espaços públicos de cidades contemporâneas a fim de problematizar as políticas públicas de gestão urbana. Para o exercício de tese construí seis performances que foram experimentadas em territórios específicos da cidade de Salvador — conjunto de logradouros urbanos rotulados por mim como “Soteropolitanity”. As performances praticadas trazem releituras de outras obras como também desenvolvem questões do contexto urbano em análise, conjugando criação prática com especulação teórica. Por essa trajetória de fazer-sentir-e-pensar realizei a escrita deste ensaio, em que apresento apreensões desveladas por ações performáticas e os meios de efetivação de uma escrita que pretende ser reflexiva.

PALAVRAS CHAVE: performance; espaço público; performatividade.

ABSTRACT

Performing in reflective state is a method of construction of thought consolidated by the performative making. For the purposes of this article, urban problematizing is simulated by means of performance, creating differentiated subsidies in the reflection about the complexity of contemporary cities. It is six performances in specific areas of the city of Salvador - a set of urban locations labeled by me as "Soteropolitanity". The performances bring readings of other works as well as issues develop in the urban context analysis, combining practical creation with theoretical speculation. For this path to make-think and feel, I realized the writing of this essay, in which expose seizures uncovered by performing and the ways to effect a writing that purports to be reflexive.

KEYWORDS: performance; public space; performativity.

Durante a graduação em arquitetura e urbanismo, a cada disciplina ou conteúdo novo ministrado, me perguntava que tipo de arquiteta eu gostaria de ser quando crescesse. Eu seria, talvez, a que projeta ambientes, móveis e casas; a que trabalha numa repartição pública licitando ideias e fiscalizando projetos; a que restaura imóveis antigos e milita pelas políticas patrimoniais; a que emberna em ecovilas e experimenta dispositivos de sustentabilidade; ou seria uma arquiteta urbanista dedicada a projetos de reurbanização de aglomerados, engajada na construção de políticas urbanas, atenta aos processos de construção de cidades, requalificando contextos urbanos,

edificando planos viários, conjuntos habitacionais, centros administrativos e de apoio ao cidadão, entre outros equipamentos eticamente especulados junto a uma equipe de conhecimento multidisciplinar e disponível aos fóruns de participação popular. Enfim, possibilidades de mercado focadas na satisfação de um freguês ideal, seja ele rico ou pobre, único ou extensivo, que paga a vista ou a crédito.

No meio desse emaranhado de opções, ofertas de cursos de especialização e pressão familiar, eu decidi ser “útil” para uma demanda coletiva. Escolhi me especializar em Urbanismo — queria “entender” para melhor “servir” à sociedade urbana. Uma tarefa um tanto difícil, marcada por palavras generalistas e guiada por “grandes narrativas”, fazendo parecer, aos olhos apressados e de fácil concessão, que toda sociedade urbana pós-industrial estaria resolvida por meio dos tratados urbanísticos.

Então, para vencer a abstração de tanta generalização socialista, mergulhei num mundo particular a fim de atualizar o existente. De início, criei uma cidade imaginária, um lugar contido em grandes paragens em que o cultural (aquilo produzido pelo homem) relacionava de forma harmônica e justa com o natural (o que já existia). Por ser um ambiente construído pelo sujeito, porém, incluído num todo maior, as decisões seriam tomadas de forma coletiva e participativa; o fazer grupal seria efetivado com respeito à diversidade; as tarefas e as funções seriam delegadas sem enrijecer os processos ou burocratiza-los; os ciclos de renovação da vida seriam sustentáveis; os contextos arquitetônicos provocariam “aventuranças”; o normativo seria um dispositivo de negociação; o subalterno seria ouvido e os repasses públicos seriam justos e condizentes à demanda daqueles que escolheram a cidade como lugar para viver — um lugar polifônico e carregado de heterogeneidades, por isso anônimo e singular: a minha “Urbanotopia”.

Que belo! Só em sonho mesmo! Depois que acordei e caí na real achei graça do meu ego: tudo funcionando tão direitinho no padrão que eu inventei... Rá! Sonho de arquiteto. Mas, já que o “melhor lugar do mundo é aqui e agora” (Gilberto Gil), como aclimatar minhas expectativas na cidade que existe e me abriga? Eis a minha inquietação, a pergunta que levo comigo e me faz interessar pelos estudos em dança, em performance e, agora, em fazer performances. No exercício de caça por respostas alimento meu desejo de mudar o mundo e aprendo a questionar a ordem, a ser criativa, ser resistência, conciliadora, *underground*, *mass-media* e a testemunhar quando não tem jeito de engajar nos processos urbanos. Às vezes, me sinto uma “Macunaíma”¹ na cidade onde vivo, gingando com a regra ou rasurando outras com o firme propósito de determinar um ponto de vista que realize um conhecimento preciso entre aqueles que se conhece.

Para tanto, criei um método de construção de pensamento que se consolida no fazer performativo. Trata-se de um caminho de experimentação reflexiva em que proponho performances nos espaços públicos a fim de problematizar as políticas públicas de gestão urbana. Esse interesse em tornar visíveis problemáticas urbanas por meio de performances me acompanha

¹ Personagem do escritor brasileiro Mário de Andrade — um herói sem nenhum caráter que representa o povo brasileiro, mostrando a atração pela cidade grande e pela máquina.

desde a graduação em Arquitetura e Urbanismo, quando já experimentava *jam sessions* organizadas por dançarinos e músicos em praças públicas de Belo Horizonte (MG - Brasil). Nessas sessões, eu compreendia de outra forma os espaços da cidade e, simultaneamente, os espaços do meu corpo — uma via de construção de pensamento que sugere o trânsito por campos externos à disciplina de origem, criando subsídios diferenciados para reconstruir críticas ou transformar o ponto de partida inicial.

Dito isso, proponho a suspensão temporária do tempo (e do juízo) e um mergulho em uma espacialidade alternativa que possibilite vivenciar as mesmas coisas, porém de forma diferente, produzindo devires inéditos, múltiplos e imprevisíveis na simulação de experiências. Neste campo de variações infinitas e mutações irremediáveis, todo tipo de simulação é bem vinda, aqui tudo pode acontecer, inclusive nada.

Então, para efeitos desta escrita, desenvolvi seis performances em centralidades específicas da cidade de Salvador, Bahia, Brasil — conjunto de logradouros específicos rotulado por mim por Soteropolicy. Cada proposta de performance mapeia fragilidades, estranhamentos, condutas condicionadas, esferas de poder, fatos, vestígios de memórias, realidades enrijecidas, tabus e preconceitos em um contexto social urbano. Simulo problematizações de ordem urbanística e de gestão pública em espaços públicos com a intenção criar problemas, criar questões e artifícios de pensamento que permitam a passagem de afetos, de conteúdos à espera de encarnação.

O primeiro passo dessa jornada foi a realização da performance “Já está limpo!”, de criação própria, inserida na Mostra Osso Latino-americana de Performances Urbanas (Salvador - BA) e inspirada pela ação “*Movement to Promote the Cleanup of the Metropolitan Area (Be Clean)*”, do grupo japonês *High Red Center* (1960)². A performance “Já está limpo” se desenvolve na ação de lavar bancos em uma praça que é ponto de encontro e passagem de muitos turistas como também zona de prostituição e relações ilícitas. Por essa performance dialogo com as contribuições de Suely Rolnik — escrituras que contém, entre outros autores, Deleuze e Guatarri — referente aos estudos sobre as “políticas da criação”.



Figura 1 - “Já está Limpo!”, às 14 horas do dia 29 de setembro de 2010, na Praça da Sé, Pelourinho, Salvador – BA/ Brasil. Fonte: Acervo próprio da autora.

² Para saber mais sobre a obra que inspirou o trabalho “Já está limpo!”, consulte o site da 29ª Bienal de São Paulo em <<http://www.29bienal.org.br/>>

A segunda intervenção, “Jardins da Babilônia”, foi um jardim vertical feito com mudas de samambaias plantadas em cascas de coco e instalado no muro que delimita a esquina das ruas Carlos Gomes e da Força — no Centro de Salvador. Essa performance surgiu da observação da montanha de lixo que se forma diariamente na Rua Carlos Gomes, sendo as cascas de coco um dos maiores contribuintes para formação da pilha de dejetos. A performance foi reciclar o lixo local em um jardim vertical. Para dialogar com essa performance saliento os conceitos de conflito e dissenso em espaços públicos delineados por Jacques Rancière (1996), assumindo visualidade por meio das cenas construídas pela performance.

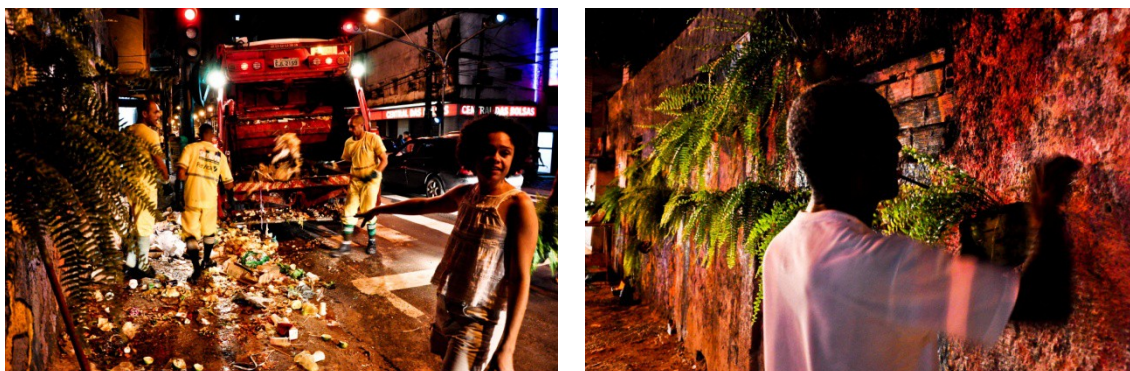


Figura 2 - “Jardins da Babilônia”, às 17 horas do dia 20 de maio de 2011, na Rua Carlos Gomes, Centro, Dois de Julho, Salvador – BA/ Brasil. Fonte: Acervo próprio da autora. Fotos de Aldren Lincoln.

A terceira intervenção aconteceu no bairro da Pituba. Diante do argumento de estudantes de arquitetura de que a Pituba seria um bairro “ideal” de viver, resolvi questionar o que a Pituba não tem de ideal e verifiquei a falta de sombra na Av. Manoel Dias da Silva. Daí surgiu a ideia de executar a performance “Na aba do meu chapéu”: um grande sombreiro de palha que perambula por ruas centrais oferecendo carona de sombra. Ao realizar essa performance acessei convicções, que revolvidas pela ação em si, me fizeram perguntar sobre os sistemas de organização da vida. Por essa performance dialogo com as contribuições do filósofo Guy Debord (1997) referente aos estudos sobre “cultura”.



Figura 3 - “Na aba do meu chapéu”, às 11 horas do dia 09 de junho de 2011, na Avenida Manoel Dias, Pituba, Salvador – BA/ Brasil. Fonte: Acervo próprio da autora. Fotos de Aldren Lincoln.

A quarta performance foi o “Playground na Ladeira da Montanha”. A ação consistiu na construção de um playground temporário nas adjacências da Ladeira da Montanha sobre caçambas alugadas e alocadas temporariamente em via pública. Escorregador, escada horizontal e piscina de bolinhas, além de pequenos nichos de convivência e contação de histórias, foram alguns dos equipamentos instalados na performance. A produção dessa performance foi a que mais demandou tempo, dinheiro, estudos e negociações com lideranças civis e institucionais. Sobre os desvios na adequação mimética entre projeto e o seu despacho desenvolvo esta escrita reflexiva, tendo como ideia base a discussão de “civildade dissimulada” apresentada por Homi Bhabha (2005).



Figura 4 - “Playground na Ladeira da Montanha”, às 08 horas do dia 08 de janeiro de 2012, na Praça Almirante Paula Guimarães, Salvador – BA/ Brasil. Fonte: Acervo próprio da autora. Fotos de Aldren Lincoln

A quinta performance questiona a relação de poder praticada nos espaços públicos da cidade. O contexto escolhido foi o Corredor da Vitória, área central tomada por condomínios verticais e arranha-céus de alto padrão, ocupando todo o acesso ao mar, deixando apenas “uma greta” de paisagem natural entre uma construção e outra. Escolhi um trecho da calçada da Vitória com melhor vista para o mar e convidei amigos e parceiros de trabalho para confraternizar uma tarde de verão com piquenique e muita animação. Assim foi a performance “O mar pela greta”. Por essa performance dialogo com as contribuições de Giorgio Agamben (2009) referente aos estudos sobre as “políticas da amizade”.



Figura 5 - “O mar pela greta”, às 08 horas do dia 15 de janeiro de 2012, na Avenida Sete de

Setembro, Corredor da Vitória, Salvador – BA/ Brasil. Fonte: Acervo próprio da autora. Fotos de Aldren Lincoln

A sexta e última performance, “A saúde é osso”, foi um *remake* da ação “*Balkan Baroque*” (1997) de Marina Abramovic. Uma pilha de ossos bovinos foi levada para o canteiro central da Avenida Caetano Moura, entre as dependências dos cemitérios Campo Santo e dos Alemães, onde me instalei e cantei cantigas de ninar ao trocar curativos. Era uma forma de questionar o “genocídio brasileiro” ao avaliar o trato público dado à saúde municipal soteropolitana. Era um corpo, na qualidade de evento, fruindo emoções simuladas por imagens construídas — ossos que vieram do açougue vizinho e despejados no local, a troca de curativos sobre uma pele sem feridas e o canto que acalentava uma dor imaginária. Adotei, como processo discursivo, anotações sobre os Estudos da Performance.



Figura 6 - “A saúde é osso”, às 09 horas do dia 22 de janeiro de 2012, na Avenida Caetano Moura, Cemitério Campo Santo, Salvador – BA/ Brasil. Fonte: Acervo próprio da autora. Fotos de Aldren Lincoln

Então, por meio a essas experiências constatei que carrego comigo o desejo modernista ser “útil” para uma demanda coletiva. Desta vez não construí prédios, praças ou planos, mas performances. Performances que fossem capazes de problematizar realidades urbanas e provocar estados reflexivos frente a um tema, visando outras formas de abordagem. Condição que me dá coragem na realização destas performances, uma coragem que alarga a prancheta, a régua e o compasso para mergulhar em outras esferas de construção do saber.

REFERENCIAS

AGAMBEN, Giorgio. *O que é contemporâneo?* e outros ensaios. Chapecó, SC: Argos, 2009.

BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix (1997). *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995, 1 v.

ROLNIK, Suely. *Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo*. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2007.

_____. *Políticas do fluido, híbrido e flexível: evitando falsos problemas*, 2005. Disponível em: <<http://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/suely%20rolnik.htm>> Acesso em 09/09/2011.

_____. *Geopolítica da cafetinagem*, 2006. Disponível em:
<<http://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/suely%20rolnik.htm>> Acesso em
09/09/2011.

29ª Bienal da cidade de São Paulo (2010). Movement to Promote the Cleanup
of the Metropolitan Area (Be Clean). Disponível em:
<<http://www.29bienal.org.br/>> Acesso em 09/12/2011.

RANCIÈRE, Jacques. *O desentendimento*. São Paulo: Editora 34, 1996.